

A PARRÊSIA EM AS *BACANTES*, DE EURÍPEDES

Carolina Cerqueira Lima Dittrich
Mestranda em Teoria Literária pela UFSC

RESUMO

Este estudo pretende investigar a prática do dizer verdadeiro na obra *As Bacantes*, de Eurípedes. Para tanto, irei abordar alguns dos mecanismos de poder nos estudos de Michel Foucault, buscando então, os efeitos do ato de fala que selam um contrato parresiástico entre o pastor, que atua como mensageiro ao seu soberano.

PALAVRAS-CHAVE

Parrêsia; *As Bacantes*; Michel Foucault.

PARRESIA IN *THE BACCHAE*, OF EURIPEDES

ABSTRACT

This study intends to investigate the practice of the true saying in *The Bacchantes*, of Euripides. For so much, I will approach some mechanisms of power in Michel Foucault's studies, looking for the effects of the speech action that stamps a "parresiástico" contract among the shepherd, that acts as messenger to his sovereign.

KEYWORDS

Parresia; *The Bacchae*; Michel Foucault.

“O sábio Platão previra facilmente que o único caminho para conseguir a felicidade de uma comunidade consistia em estabelecer a igualdade de todas as coisas”.

Thomas More, *Utopia*

O aspecto analítico e psicológico da tragicomédia humana foi deveras representado no teatro grego. Entre os espetáculos, o teatro trágico era o predileto dos habitantes da Hélade. Tanto a epopéia como a tragédia, foram analisadas por Aristóteles em sua *Poética*, aonde defendia a última como uma arte mais elevada. Já que todas utilizavam a imitação, a arte do trágico ao menos se diferenciava por representar o que era visto na época como uma arte superior.

Na epopéia, Homero foi visto como um escritor de obras nobres a partir da maneira em que as ações eram representadas, inclusive no cômico, não esboçando as infâmias. Contudo, na *Poética*, ambos os estilos são comparados e deles se diz: “*o que a epopéia tem está presente na tragédia, mas nem tudo que esta possui se encontra naquela*”¹. Nas tragédias são reproduzidas ações graves, a imitação das ações divinas, da vida, da felicidade e da desventura. Deste modo, a composição da tragédia está no arranjo da fábula, ou seja, nos acontecimentos e nos reconhecimentos; nos caracteres; nas falas; nas idéias; no espetáculo e no canto. Destes elementos deve-se constituir uma complexa estrutura inspirada no temor e na pena, como procede Eurípedes em suas peças, que terminam muitas vezes em um infortúnio, mostrando-se de acordo com a *Poética*, “*o mais trágico dos poetas*”². A tragédia, desde a sua dramatização inicial até Eurípedes, foi compreendida por Nietzsche como o gênero artístico que melhor exprime os dois instintos, o dionísio e o apolíneo. Dionísio é apresentado como o impulso do excesso, da fruição, da embriaguez exaltada, da libertação dos instintos. É deus do vinho, da dança, da música e a quem as representações de tragédias eram dedicadas. Representa, conseqüentemente, o irracional, a quebra das barreiras sociais, a dissolução dos limites do indivíduo e o eterno devir. De acordo com Kerényi, era um deus “nômade” e migrante e teria vindo, provavelmente, da Ásia.

Em oposição ao retrato aqui pintado de Dionísio, está o de Apolo, patrono da razão, da harmonia, da pureza e perfeição.

¹ ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Ed. Cultrix. São Paulo. 7ª ed. 1997. pg. 24.

² Idem. p. 32.

É, entretanto, a propósito das relações de delírio e de força que a prática do dizer verdadeiro será neste estudo analisada na peça *As Bacantes*. Esta, foi encenada pela primeira vez em torno de 405^a C., onde foi provavelmente o mais antigo local de espetáculos em Atenas, o Dionysos Eleuthereus, mais conhecido como Teatro de Dionísio, pouco após a morte de seu criador. É a partir dela que começo a me enveredar.

AS BACANTES

Ao contrário da idéia que se tinha de que a cultura helênica era dotada de harmonia, foi ressaltada por Nietzsche a necessidade do povo grego em romper com o cotidiano e com as regras estabelecidas pela civilização. Entregar-se à essência dionisíaca é, de certa forma, apagar o indivíduo já que este se dissolvia na platéia com o espírito do mito trágico representado, dissolver-se no espírito dionisíaco é deixar de ser um só indivíduo racional e entregar-se à devassidão do deus. Esta essência é descrita no parágrafo abaixo:

(...) en quoi consiste l'essence du **dionysiaque**, que nous comprendrons mieux encore par l'analogie de l'**ivresse**. Que ce soit par la puissance du breuvage narcotique dont tous les hommes et tous les peuples primitifs parlent dans leurs hymnes, ou par la force despotique du renouveau printanier pénétrant joyeusement la nature entière, ces exaltations dionysiaques s'éveillent en entraînant dans leur essor le sujet jusque'à l'anéantir en un complet oubli de soi-même³.

Na peça *As Bacantes*, o contexto mitológico em que a trama ocorre é fundamentalmente o regresso de Dionísio de sua viagem pela Ásia, de onde retorna com um coro de asiáticas, suas adoradoras. Sua chegada em Tebas, casa de onde fora expulso outrora, faz vir à tona a verdade. Sua própria família, inclusive Agave, havia se recusado a acreditar que Baco era filho legítimo de Sêmele e Zeus. Em sua fúria, o deus faz justiça em relação a Penteu, jovem rei que havia declarado proibido o culto a Dionísio na cidade de Tebas. Ao saber que as Bacantes celebravam o deus, Penteu se pôs a espioná-las no Monte Cíteron, e é então que a sua própria mãe, em sua embriaguez divina, levantou-se entre as Bacantes e dilacerou o corpo de seu filho.

³ “(...) no que consiste a essência do dionisíaco, que compreenderemos melhor ainda por analogia da embriaguez. Que seja pela potência da beberagem narcótica ao qual todos os homens e todos os povos primitivos falam em seus hinos, ou pela força despótica da renovação primaveril penetrando alegremente a natureza inteira, suas exaltações dionisíacas despertam-se no exercício de seu impulso até a aniquilação do sujeito em um completo esquecimento de si mesmo.” (tradução minha). NIETZSCHE, Friedrich. *La Naissance de la tragédie*. Le livre de Poche. Paris, 1994. pg. 50, 51.

Ele inventou o líquido tirado da uva e o apresentou aos mortais. Quando estes recebem a sua dose da uva liquefeita, desaparecem os seus pesares. Ela lhes dá o sono e o esquecimento das preocupações quotidianas.⁴

No entanto, quem levou o neto do fundador de Tebas ao conhecimento dos fatos de que sua mãe dançava em louvor ao deus, assim como várias outras mulheres que, embriagadas pelo vinho, empunhavam tirsos como armas, e faziam água, mel e leite brotar do solo, foi o pastor.

Devido à coragem deste servo, tanto diante do tirano Penteu por dizer-lhe a verdade dos fatos, podendo aborrecer-lhe, quanto por um possível temor ao deus tão poderoso que provocou a perda da razão de tantos, é que poderemos estudar aqui o que Michel Foucault chamou de *parrêsia*⁵. Pois que “*a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura; (...)*”⁶

PARRÊSIA

Eles me aprovariam, todos, se o temor não lhes tolhesse a língua, mas a tirania, entre outros privilégios, dá o de fazer e o de dizer sem restrições o que se quer.

Sófocles, *Antígona*

Na lição de 2 de fevereiro de 1983 no Collège de France, Foucault inicia um estudo comparativo entre um texto de Políbio e algumas obras de Eurípedes: *As Fenícias*, *Hipólito*, *As Bacantes*, e *Íon*. Aponta também duas noções distintas que caracterizam a democracia, presentes no primeiro texto, a de *parrêsia* e de *iségoria*. Essencialmente, a definição morfológica de democracia é a de um governo do *dêmos*, ou seja, “*de l’ensemble des citoyens*”⁷. E a partir daí, ela é formada por outras noções, assim como a de *eleutheria*, que diz respeito à independência de uma cidade sobre a

⁴ EURÍPEDES. *Medeia; As Bacantes; As Troianas*. 5ªed. Rio de Janeiro. Ediouro. 1988. pg. 71.

⁵ FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres. Cours au Collège de France, 1982-1983*. François Ewald et Alessandro Fontana (orgs). Seuil, Paris; Gallimard, Paris, 2008.

Leia-se nesta obra: “ Ce qui, de mon point de vue, mérite de retenir l’attention dans cette notion de parrêsia, c’est d’abord, - je vais dire des choses très élémentaires -, la très long durée de cette notion, son très long usage tout au long de l’antiquité, puisque cette notion de parrêsia – (...) – vous en trouvez l’usage déjà bien instauré, bien défini, dans des grands textes classique, que ce soit Platon ou que ce soit Euripide, et puis à travers tout une série d’autres textes (...)”

⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 2003. pg. 20.

⁷ “do conjunto dos cidadãos” (tradução minha). FOUCAULT, Michel. (2008). pg. 138.

outra, assim como representa também o direito do povo de viver em uma sociedade sem o poder repressor ou tirânico do chefe de estado: “*Les citoyens sont libres*”⁸. Entretanto, para que haja democracia, é necessário que haja parrêsia, o dizer verdadeiro é um dos traços característicos da democracia. Segundo seus próprios estudos:

(...)-, la parrêsia est un des traits caractéristiques de la démocratie. C’est une des dimensions internes de la démocratie. C’est-à-dire qu’il faut qu’il y ait démocratie pour qu’il y ait parrêsia⁹.

Outro termo importante na definição da democracia em Atenas é a *isonomia*, que prevê a igualdade de todos perante a lei. No entanto vale lembrar que tanto os estrangeiros, quanto os escravos e as mulheres não tomavam parte nessa democracia. Além disso, os problemas femininos não faziam parte da dramaturgia grega até Eurípedes¹⁰.

Após esse breve panorama dos direitos que portavam os cidadãos da Hélade, é preciso focar o olhar à questão da parrêsia propriamente dita. Essa noção refere-se à tomada da palavra, mais especificamente, no momento em que um homem coloca-se à frente de um tirano e toma coragem para dizer-lhe a verdade. Sua finalidade não é demonstrativa, e nem é a estrutura racional do discurso que vai definir a parrêsia, mas sim, o efeito que o dizer verdadeiro pode produzir sobre o locutor. Ou seja, ela se situa onde há um espaço de risco, quando o locutor diz a verdade arriscando-se ao efeito de retorno do seu dizer no interlocutor, como podemos ver logo abaixo:

La parrêsia est à chercher du cote de l’effet que son propre dire-vrai peut produire sur le locuteur, de l’effet de retour que le dire-vrai peut produire sur le locuteur à partir de l’effet qu’il produit sur l’interlocuteur. Autrement dit, dire vrai en présence de Denys le tyran qui se met en colère, c’est ouvrir pour celui qui dit vrai un certain espace de risque, c’est ouvrir un danger, c’est ouvrir un péril où l’existence même du locuteur va être un jeu, et c’est cela qui constitue la parrêsia¹¹.

⁸ “Os cidadãos são livres.” (tradução minha) Idem.

⁹ “A parrêsia é um dos traços característicos da democracia. É uma das dimensões internas da democracia. Quer dizer que é necessário que haja democracia para que haja parrêsia.” (tradução minha). FOUCAULT, Michel. (2008). pg. 142, 143.

¹⁰ Leia-se: “Eurípedes foi considerado o primeiro dramaturgo grego a se interessar pelos problemas femininos, tratando os personagens com individualidade e análise psicológica.” ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A poética clássica. Ed. Cultrix. São Paulo. 7ª ed. 1997. pg. 5.

¹¹ “A parrêsia está a buscar o efeito que seu próprio dizer verdadeiro pode produzir sobre o locutor, do efeito de retorno que o dizer verdadeiro pode produzir sobre seu locutor a partir do efeito que ele produz sobre o interlocutor. Ou seja, dizer a verdade na presença de Denys, o tirano, que está em cólera, é abrir àquele que diz a verdade um certo espaço de risco, é abrir um perigo, um risco onde a própria existência do locutor se tornará um jogo, e é então que se constitui a parrêsia.” (tradução minha). FOUCAULT, Michel. Le gouvernement de soi et des autres. pg. 56.

Falar francamente é ultrapassar a prática do poder. Não há parrêsia se não há coragem no contexto da verdade frente a um poder que ameaça. E a coragem sempre comporta em si um risco, é uma virtude. E por trás desta coragem, há o medo.

Alguns anos antes, em *Microfísica do Poder*, Foucault investiga o *como* do poder, que funciona como uma espécie de triângulo entre *poder – direito – verdade*, para explicar os mecanismos existentes entre dois pontos de referência: “por um lado, as regras do direito que delimitam formalmente o poder e, por outro, os efeitos de verdade que este produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no¹²”. A seguinte questão é então colocada: “de que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade?”¹³ Em uma sociedade democrática como a da Hélade, assim como na nossa, há relações de poder que ultrapassam o *corpo social* de modo que não funcionam sem a produção, a acumulação e a circulação do discurso. Ou seja, não há como exercer o poder sem que ocorra uma produção da verdade. Sem a produção individual de cada dizer verdadeiro, o organismo social aceitaria a condição de poder ao qual ele é submetido, pois não haveria discurso (seria esta a única verdade.) Mas ao contrário, esta situação onde há mais de uma verdade, e onde há o discurso, é aberto um espaço para normatizar as relações através do direito. Não somente através da dinâmica do contexto social onde se dão as relações, mas através das coisas ditas, das investigações filológicas, ou seja, os contextos aonde a parrêsia aparece e o que se produz como reprodução do modo de ser do sujeito.

Contudo, na literatura grega jamais os deuses serão dotados da parrêsia, pois esta é uma prática humana¹⁴, e Eurípedes de certa forma confronta, em suas obras, o plano dos deuses e a política humana, estendendo-se pelo problema da *dunamis*, ou seja, da força, do poder exercido.

A partir deste contexto onde apesar de não existir, a prática do poder é exercida nas relações sociais, o dizer verdadeiro está formulado em dois níveis, na enunciação da verdade por ela mesma, e o ato parresiástico que afirma ser verdadeiro aquilo que dizemos. Vale, então, investigar as três maneiras de alcançar a parrêsia, que seriam:

¹² Idem. pg. 179

¹³ Idem.

¹⁴ Sobre Íon, de Eurípedes, leia-se: “Donc, pour résumer, on peut dire si vous voulez ceci. D’une part aucun des dieux n’est titulaire de la *parrêsia*. Ni l’oracle si réticent d’Apolon, ni le dire proclamatoire d’Athéna à la fin de la pièce ne sont de l’ordre de la *parresia*, et jamais, dans la littérature grecque, les dieux ne seront dotés de *parrêsia*. La *parrêsia* est est une pratique humaine, c’est un droit humain, c’est un risque humain.” FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres*. 2008. pg. 141

tomar a palavra; dizer a verdade diante de quem detém mais poder; arriscar a própria vida.

Diante destes três pontos, a parrêsia caracteriza uma certa posição dos indivíduos na sociedade, divididos entre os *adunatoi* (aqueles que não possuem poder algum), os *sophoi* (os sábios) e os que efetivamente ocupam uma posição de poder, e é a esta última classe que concerne a parrêsia. Neste jogo onde alguns detêm o direito estatutário de falar livremente, o que Foucault chama de *isêgoria*, diversas situações onde se aplicam a parrêsia foram tratadas em *Le gouvernement de soi et des autres*, dentre elas, em textos de Eurípedes como *As Fenícias* e *Hipólito*. Já em *As Bacantes*, não se trata da parrêsia onde um homem se coloca em meio aos cidadãos e corajosamente toma a palavra. Não, trata-se de um *contrato parresiástico*. O dizer verdadeiro aqui, é empregado por um servo que, mesmo inseguro com o que lhe poderia acontecer ao dizer algumas verdades desagradáveis ao seu rei, pede a garantia de que nada lhe acontecerá em sua franqueza. O servo não possui poder algum mas coloca-se frente àquele que poderia lhe punir assim que provocada sua cólera. Como podemos ver logo abaixo, o mensageiro arrisca-se ao relatar os acontecimentos ao seu rei:

(Entra Pastor).

PASTOR: Penteu, governante desta terra tebana, venho de Cíteron, onde... (os claros flocos da alva neve jamais cessam).

PENTEU (interrompendo): Que notícias trazes com tanta pressa?

PASTOR: Vi as desvairadas bacantes, que correm descalças de seus lares, frenéticas. Aqui estou ansioso para dizer-te e à cidade, rei, as terríveis coisas que elas fazem, coisas que são mais do que espantosas. Falarei de tais coisas livremente ou resumirei o meu relato? Quero que digas, ó rei. Tenho receio do teu temperamento impetuoso, tão apaixonado, tão autoritário.

PENTEU: Fala. Estás inteiramente a salvo de castigo da minha parte. Não é lícito irar-se com homens justos. Quanto mais horrível for o teu relato acerca das bacantes, tanto maior será o castigo que infligirei ao homem que ensinou tais artes às mulheres.¹⁵

Desta forma, o mensageiro assume seu ato de fala, pois sabe que não será punido, mesmo fazendo uso da parrêsia. Penteu, durante toda a peça não demonstra muita sabedoria ao medir forças com o deus Dionísio, fora responsável por todas as atrocidades feitas pelas bacantes, e responde então ao servo que não haverá punição àquele que diz a verdade e faz seu dever, e sim ao *homem que ensinou tais artes às*

¹⁵ EURÍPEDES. *Medeia; As Bacantes; As Troianas*. 5ªed. Rio de Janeiro. Ediouro. 1988. pg. 80, 81.

mulheres. Este então é o que podemos chamar de *contrato parresiástico*, quando o poderoso aceita que os mais fracos lhe digam suas verdades, “*même si celles-ci sont désagréables*”¹⁶.

O servo demonstra três virtudes fundamentais e tradicionalmente reconhecidas nas tragédias, que são: a prudência, a qualidade moral e a coragem. Por partes, a prudência se deve ao fato de antes de tudo, colocar-se em seu lugar como apenas um mensageiro e antecipar ao rei que traz péssimas notícias.

A qualidade moral está no seu ato de fala, no seu discurso franco e no poder que ele desempenha, que de acordo com Foucault, traria consigo um presságio do que viria a acontecer, e neste caso, Penteu ao decidir castigar o responsável, foi ele mesmo o castigado pelo próprio deus.

Já o dizer verdadeiro, abre um risco ao seu enunciador, mas de fato, sua coragem incitou o rei a dirigir o olhar a si mesmo, seu reino e sua família, lhe fazendo conhecer tal situação que os bajuladores lhe escondem. Trata-se aqui, essencialmente, de uma parrêsia política que compreende duas formas históricas: a *parrêsia democrática* e a *autocrática*.

Em *As Bacantes*, a verdade proferida pelo mensageiro pode ser chamada de *parrêsia autocrática*, devido à importância do ato de fala do sábio ao poderoso que detém o poder ilimitado e absoluto ou, da “(...) parole privée que le philosophe destine à l’âme d’un prince (...)”¹⁷.

O contrato parresiástico liberou o mensageiro de sofrer qualquer tipo de opressão, por mais que fossem terríveis as notícias que trazia. Contudo, quem o destino não guardou foi Penteu, que usou de seus mecanismos de poder para proibir o culto à Dionísio na cidade de Tebas. Como podemos ver logo abaixo, Penteu manda prender o suposto estrangeiro, que segundo as leis não detém poder algum, por este afrontar-lhe com seu ato de fala, defendendo as verdades do deus.

PENTEU (aos guardas): Predei-o. Este indivíduo zomba de mim e de Tebas.

O ESTRANGEIRO: Eu vos advirto seriamente: não me acorrentais, ó tolos.

PENTEU: Mas eu tenho mais autoridade do que tu. Eu digo: “Acorrentai”.

¹⁶ “mesmo se estas são desagradáveis” (tradução minha). FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres*. 2008. pg. 150

¹⁷ “(...) palavra privada que o filósofo destina à alma de um príncipe (...)” (tradução minha). FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres*. 2008. pg. 352.

Por fim, de acordo com Foucault, o poder atravessa o ser que ele constituiu, e neste determinado contexto, vimos como estes mecanismos de poder, acabam por exercer uma influência na prática do dizer verdadeiro, sendo ele dito abertamente, sem medo, apesar dos riscos, ou de forma contratual.

(...) o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino.¹⁸

Deste modo, o exercício de uma autoridade é então algo material, físico e corporal, entretanto a parrêsia é uma unidade do saber, da idéia, do ser por ele mesmo. Servir-se dela seria empregar a linguagem para falar abertamente o que a nós é verdadeiro, é levar aos outros o discurso da verdade em seu sentido mais forte e valorizado.

É no ato de proferir a verdade, no quando não há um encobrimento de si, que se é capaz de, de fato, amparar os outros – os governados – para que eles mesmos possam encontrar sua verdade. A virtude da parrêsia entrelaça a questão do conhecimento e do cuidado de si, constituindo desta maneira, a mais bela forma de veridicção do dizer livre e francamente da Grécia antiga.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Ed. Cultrix. São Paulo. 7ª ed. 1997.
- EURÍPEDES. *Medeia; As Bacantes; As Troianas*. 5ªed. Rio de Janeiro. Ediouro, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres cours au Collège de France, 1982-1983*. François Ewald et Alessandro Fontana (orgs). Seuil, Paris; Gallimard, Paris, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ªed. Graal. Rio de Janeiro, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 9ªed. Edições Loyola. São Paulo, 2003.
- JACOBBI, Ruggero. *A expressão dramática*. Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro. São Paulo, 1956.
- KERÉNYI, Karl. *Dioniso: imagem arquetípica da vida indestrutível*. Trad. Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2002.
- MORE, Thomas. *Utopia*. 49IB Livros de bolso Europa América. São Paulo, 1973.
- NIETZSCHE, Friedrich. *La naissance de la tragédie*. Le livre de Poche. Paris, 1994.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 9ªed. Edições Loyola. São Paulo. 2003. Pg. 14, 15.